

A formação de redes de mediadores de letramento durante o processo de escrita de textos acadêmicos no doutorado

Larissa Giacometti Paris*

Resumo

O objetivo deste artigo é caracterizar e analisar os papéis desempenhados pelos mediadores de letramento que interagiram com uma doutoranda durante a escrita de sua tese. Mediadores de letramento são agentes que causam impacto direto na trajetória de publicação de um texto acadêmico. Para tanto, a pesquisa fundamenta-se nos princípios dos Novos Estudos do Letramento e na perspectiva dos Letramentos Acadêmicos, além de empregar a etnografia como alicerce teórico-metodológico. Neste trabalho, foram analisados excertos de entrevistas realizadas com uma doutoranda da área de Ciências Humanas, Sociais e Arte no ano de 2018. A análise concentrou-se na formação de uma rede de mediadores de letramento composta por estudantes pós-graduandos que se auxiliaram mutuamente durante a escrita de seus textos acadêmicos. Concluiu-se que, ao interagir com diferentes mediadores, a participante buscou por orientação, apoio, suporte e oportunidades. Portanto, este estudo destaca a relevância das interações com os mediadores de letramento ao longo do processo de escrita de uma tese, corroborando a ideia de que as

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1472-0581>.

práticas de letramentos acadêmicos não se constituem apenas pela figura solitária do autor. Ao contrário, são as interações com os diferentes mediadores que possibilitam que as escritas sejam revisitadas e transformadas.

Palavras-chave: escrita acadêmica; letramentos acadêmicos; mediadores de letramento.

The Formation of Networks of Literacy Brokers during the Doctoral Academic Writing Process

Abstract

The objective of this article is to characterize and analyze the roles played by literacy brokers who interacted with a doctoral student during the writing of her thesis. Literacy brokers are agents that have a direct impact on the publication trajectory of an academic text. To achieve this, the research is grounded in the principles of New Literacy Studies and the perspective of Academic Literacies, employing ethnography as the theoretical-methodological foundation. This work analyzed excerpts from interviews conducted with a doctoral student in the field of Humanities, Social Sciences, and Arts in the year 2018. The analysis focused on the formation of a network of literacy brokers composed of postgraduate students who supported each other during the writing of their academic texts. It was concluded that, by interacting with different brokers, the participant sought guidance, support, assistance, and opportunities. Therefore, this study highlights the relevance of interactions with literacy brokers throughout the thesis writing

process, corroborating the idea that academic literacy practices are not solely constituted by the solitary figure of the author. On the contrary, it is the interactions with various brokers that enable writings to be revisited and transformed.

Keywords: academic writing; academic literacies; literacy brokers.

Recebido em:27/03/2024 / Aceito em: 11/10/2024

Introdução

A mediação é reconhecida como um componente crucial em diversas práticas de letramentos, em que pessoas colaboram mutuamente no processo de escrita a partir de leituras, revisões e (re)escritas de textos, seja formal ou informalmente (Lillis; Curry, 2006). Diferentes estudos já comprovaram, inclusive, o papel fundamental da mediação no processo de ensino e aprendizagem, por exemplo. Entretanto, de acordo com Lillis e Curry (2006), há uma escassez de pesquisas que se concentram explicitamente na análise da mediação relacionada à produção de textos acadêmicos. Diante desse cenário atual, as autoras dedicaram-se a analisar o papel dos mediadores de letramento no campo acadêmico-científico.

A expressão “mediadores de letramento”¹ foi concebida por Lillis e Curry (2010) na obra *Academic writing in a global context*. Neste estudo, as autoras comprovaram que a prática de escrita acadêmica não envolve apenas a figura do autor, mas também a de muitos outros agentes que, de alguma forma, causam impacto direto na trajetória da publicação de um artigo científico, tal como amigos, editores, pareceristas, revisores e tradutores, denominados pelas autoras como mediadores de letramento.

A esse respeito, é importante ressaltar que os mediadores podem desempenhar um papel fundamental não somente durante a escrita de artigos científicos, mas também ao longo do processo de escrita de uma tese: as interações

¹ No original: *literacy brokers*. Utilizo a tradução “mediadores de letramento”, cunhada por Raquel Salek Fiad e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda para a publicação em português do texto “Estratégias e táticas na produção do conhecimento acadêmico por pesquisadores multilíngues” (Curry; Lillis, 2016, p. 11-64).

dos doutorandos com seus orientadores² e coorientadores, membros das bancas de qualificação/defesa, colegas do grupo de pesquisa e/ou do programa de pós-graduação e, até mesmo, familiares ou amigos podem oportunizar escritas, revisões e reescritas em seus textos. Assim, embora a tese seja um trabalho, a princípio, de natureza individual e muitas vezes encarado de forma solitária, defendo que sua realização somente se concretiza efetivamente por meio das interações com diferentes mediadores de letramento (Paris, 2021).

Os mediadores de letramento, nesta concepção, ocupam posições com diferentes *status* e poder (Lillis; Curry, 2010), o que implica a compreensão de que não são mediadores neutros no processo de escrita, submissão e publicação de um texto. As figuras dos editores e pareceristas, por exemplo, são responsáveis pela decisão de aceite ou de recusa em uma submissão de artigo científico a um periódico, evidenciando relações de poder entre esses mediadores e o autor do texto. Nesse sentido, a função dos mediadores de letramento se transforma conforme o papel que determinado interlocutor ocupa na interação com o autor do texto e de acordo com as relações de poder instauradas nas interações humanas. A função de um orientador certamente não é a mesma que a de um pesquisador que avalia a tese durante o exame de qualificação. O mesmo pode ser afirmado no caso específico de um pós-graduando que realiza uma leitura crítica e/ou uma revisão do texto de seu colega: não há, a princípio, relações assimétricas de poder, visto que ambos são discentes da pós-graduação e ocupam o mesmo patamar hierárquico.

Diante dessa definição, o objetivo geral deste artigo é caracterizar e analisar os papéis dos mediadores de letramento

² Em estudo anterior (Paris, 2022), denomino o orientador como “mediador privilegiado” do processo de escrita de doutorandos.

que interagiram com uma doutoranda durante a escrita de parte de sua tese. Mais especificamente, ofereço reflexões sobre a formação de uma rede de pós-graduandos que mutuamente se ajudavam neste contexto, ora posicionando-se como escritores de seus próprios textos, ora posicionando-se como mediadores de textos de seus colegas.

Com o intuito de perfazer tal objetivo, o artigo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, fundamento esta investigação a partir de conceitos caros aos Novos Estudos do Letramento e à perspectiva dos Letramentos Acadêmicos. Em seguida, nas próximas duas seções, apresento a metodologia (que também é entendida como aporte teórico, conforme explicado posteriormente) e o contexto da pesquisa. Após, na análise dos dados gerados, discuto sobre a formação de uma rede de mediadores de letramentos que causaram impactos na escrita de uma tese de doutorado. Finalmente, as considerações finais do trabalho são sistematizadas na última seção do texto.

1 Novos Estudos dos Letramentos e Letramentos Acadêmicos: a concepção de escrita acadêmica como prática social

Ao longo do século XX, especialmente em sua primeira metade, havia uma tradição de pesquisa nas Ciências Humanas que se concentrava em investigar o comportamento do indivíduo e a sua mente. Contudo, nas últimas décadas desse século, ocorreu uma mudança de foco nas pesquisas em direção à interação sociocultural, o que acabou sendo conhecido como “a virada social” (Gee, 2000; 2015). Os *Novos Estudos do Letramento* (doravante NEL) foi um dos movimentos que contribuiu para

essa virada social, conforme relata Gee (2000, 2015), um de seus principais defensores:

Na década de 1980, vários estudiosos de diferentes disciplinas começaram a criticar a visão tradicional de letramento como “a habilidade de ler e escrever” (um fenômeno amplamente individual e mental) e a defender uma abordagem de letramento baseada na prática. Esses pesquisadores estudaram a leitura e a escrita em seus diferentes contextos sociais, culturais, institucionais e históricos³ (Gee, 2015, p. 54, tradução minha).

Gee foi o responsável por cunhar o nome para o movimento, baseando-se na constatação de que havia um conjunto de pesquisas de diferentes campos disciplinares que compartilhavam temas específicos por meio de uma mesma abordagem. Em conjunto com Street (1984) e Barton (2007 [1994]), as publicações desses três pesquisadores (cf. Gee, 1996) podem ser consideradas as primeiras representantes dos NEL, que edificam uma nova tradição em relação à natureza do letramento (Street, 2003) a partir de um campo de estudo interdisciplinar (Gee, 2015).

Conforme destacado por Gee (1996), as pesquisas científicas realizadas sob a perspectiva dos NEL substituíram a noção tradicional de letramento por uma abordagem sociocultural, na qual letramento é definido a partir da noção de práticas sociais e das concepções que os indivíduos têm acerca da leitura e da escrita (Street, 1993). Desse modo, esses estudos examinaram sociedades específicas em detalhes, analisando grupos distintos que delas faziam parte e como as pessoas desses grupos se envolviam com as práticas de leitura e escrita em suas vidas cotidianas (Barton, 2007). Dessa maneira, o letramento

³ No original: In the 1980s a number of scholars from different disciplines began to critique the traditional view of literacy as “the ability to read and write” (a largely individual and mental phenomenon) and argue for a practice-based approach to literacy. These scholars studied reading and writing in their different social, cultural, institutional, and historical contexts.

deixa de ser encarado como uma habilidade individual e descontextualizada de leitura e escrita para ser entendido como constituído por práticas sociais situadas que são parte integrante de determinados grupos sociais (Gee, 1996).

Como aponta Barton (2007), na perspectiva dos NEL, a noção de habilidades e competências de leitura e escrita não é correlata ao conceito de letramento, na medida em que esse é compreendido como uma parte integral de eventos e práticas sociais. Para Gee (2000), os NEL sustentam que a leitura e a escrita são sempre situadas em práticas sociais específicas e devem ser analisadas considerando os contextos de tais práticas. Na visão do autor, “letramento não tem efeitos – na verdade, nenhum significado – se for desassociado dos contextos culturais específicos nos quais é usado, e possui diferentes efeitos em diferentes contextos”⁴ (Gee, 1996, p. 59, tradução minha).

Nesse sentido, o movimento não assume nenhuma generalização no que se refere às práticas sociais de letramento (Street, 2003), ao contrário, faz observações relacionadas às situações particulares que foram investigadas (Barton, 2007). As pesquisas dos NEL, portanto, enfatizam o nível local, isto é, as atividades de letramento específicas das pessoas em seus cotidianos, com o objetivo de compreender a função e o significado do letramento na visão dessas pessoas em determinado contexto sociocultural (Gee, 2000).

Na esteira dos NEL, surgem os estudos dos *Letramentos Acadêmicos*, termo cunhado por Lea e Street (1998) para fazer referência a uma perspectiva teórica que busca entender e analisar as práticas de leitura e escrita no Ensino Superior. De acordo com os pesquisadores, ao cursar o Ensino Superior, os

⁴ No original: Literacy has no effects – indeed, no meaning – apart from particular cultural contexts in which it is used, and it has different effects in different contexts.

alunos precisam adaptar-se a novas formas de compreender, interpretar e organizar o conhecimento científico. Assim, considerando que o conceito de prática de letramento engloba os significados culturais atribuídos à leitura e à escrita em um contexto específico, as práticas de letramentos acadêmicos estão relacionadas a processos centrais por meio dos quais os alunos no Ensino Superior aprendem e desenvolvem seus conhecimentos (Lea; Street, 1998).

A perspectiva dos Letramentos Acadêmicos leva em consideração as produções de sentidos, as práticas institucionais, as relações de poder e autoridade, a natureza contestada das convenções de escrita acadêmica e as questões identitárias dos indivíduos que se envolvem nessas práticas (Lea; Street, 2014), sejam eles alunos de graduação ou pós-graduação, docentes, pesquisadores, técnicos, gestores, etc. Essa perspectiva assume, então, que a escrita acadêmica e sua aprendizagem envolvem questões do nível da epistemologia e da identidade (Lea; Street, 1998) e não somente do nível da habilidade técnica ou da socialização acadêmica, visão corroborada também pelos estudiosos dos NEL.

Na perspectiva dos Letramentos Acadêmicos, o enfoque nas identidades e nos significados sociais aponta para os conflitos ideológicos das práticas acadêmicas. Essa abordagem, portanto, visa evidenciar “a natureza institucional daquilo que conta como conhecimento em qualquer contexto acadêmico específico” (Lea; Street, 2014, p. 479). Conforme destacam Lillis *et al.* (2015), os Letramentos Acadêmicos se constituem como uma abordagem crítica em relação à pesquisa, ao ensino e à aprendizagem da escrita acadêmica, evidenciando o modo como o poder e a autoridade estão inscritos nas práticas de letramentos

e explicitando a sua ligação com a construção do conhecimento acadêmico-científico no Ensino Superior.

Ainda que haja, atualmente, uma tendência em usar a expressão “letramentos acadêmicos”⁵ – seja no singular ou no plural – para fazer referência à leitura e à escrita em contextos acadêmicos de forma genérica, revelando certa fluidez e ambiguidade, Lillis e Scott (2007) defendem que é preciso indexar o campo crítico de pesquisa dos Letramentos Acadêmicos com base em seus interesses e em suas raízes históricas, teóricas e ideológicas, afirmando sua posição epistemológica específica. Nesse sentido, as autoras argumentam que o campo se constitui a partir do interesse em investigar a produção de significados em conjunto com um olhar etnográfico crítico das práticas situadas de letramentos acadêmicos. O intuito é analisar as experiências vividas pelas pessoas em contextos acadêmicos específicos (Lillis; Scott, 2007), como é o caso dos dados apresentados neste artigo. Desse modo, até como forma de buscar contribuir com tal indexação do campo⁶, realizo a exposição, a seguir, dos alicerces teórico-metodológicos que edificam a etnografia, usualmente empregada pelos estudiosos dos NEL e dos Letramentos Acadêmicos.

5 Neste trabalho, o termo “Letramentos Acadêmicos”, escrito com as iniciais maiúsculas, refere-se à abordagem teorizada por Lea e Street (1998), já a expressão “letramentos acadêmicos”, com as iniciais minúsculas, indica as práticas letradas que se inserem no meio acadêmico-científico.

6 Sobre a busca pela indexação da abordagem dos Letramentos Acadêmicos, conferir o “*Manifesto acadêmico: por nova(s) pedagogia(s) de escrita para o Ensino Superior*”, texto elaborado coletivamente por estudiosos do campo (Miranda et al., 2022).

2 Aporte teórico-metodológico: etnografia como teorização profunda

A pesquisa apresentada neste artigo é de base qualitativa e interpretativa, situa-se no campo da Linguística Aplicada e emprega a etnografia como enquadramento metodológico, teórico e epistemológico, a partir do entendimento de etnografia como teorização profunda⁷ (Lillis, 2008).

A etnografia tem sido frequentemente utilizada no campo de pesquisa da Linguística Aplicada (Jung; Silva; Santos, 2019). Também vale ressaltar que, nos estudos sobre as práticas de letramentos e, mais especificamente, na perspectiva dos Letramentos Acadêmicos, há uma forte tendência em direção à interpretação etnográfica (Street; Lea; Lillis, 2015).

A etnografia investiga, principalmente, aspectos relacionados à interação dos indivíduos, partindo do conhecimento sobre a linguagem do ponto de vista do ser humano (Blommaert, 2006), em que o pesquisador busca entender as “percepções que os participantes das atividades têm sobre o que acontece ali” (Garcez; Schulz, 2015, p. 02). A relação entre linguagem e sociedade é do interesse de pesquisas etnográficas e, por isso, enfatizam-se os estudos de comunidades específicas ao invés da espécie humana como um todo.

Especialmente nas pesquisas que investigam os letramentos a partir da teoria dos NEL, o movimento analítico se concretiza por meio da observação dos eventos a fim de se buscar compreender as práticas. Nesse sentido, Street, Lea e Lillis (2015) ressaltam que adotar a etnografia obriga o pesquisador a suspender suas

⁷ Para maiores explicações acerca do conceito de etnografia como teorização profunda, conferir Laranjeira; Miranda; Paris (2024).

próprias suposições em relação ao que vale como letramento, visando observar o que as pessoas de fato estão realmente fazendo com a leitura e a escrita em um certo contexto.

A esse respeito, Blommaert (2006) explica que a linguagem é sempre produzida por alguém para outra pessoa, em um determinado tempo e lugar, com um propósito e assim por diante. Dessa forma, o contexto não é um “elemento” que se pode simplesmente “adicionar” ao texto, ao contrário, o contexto define os significados de um texto e suas condições de uso. Contudo, o autor adverte que, na etnografia, a noção de contexto não deve ser compreendida como sendo restrita ao que acontece nos eventos específicos (somente a nível local), mas também a nível translocal. Em suas palavras:

O contexto constitui-se por meio de vários formatos e opera em vários níveis, desde o infinitamente pequeno até o infinitamente grande. O infinitamente pequeno seria o fato de que cada frase produzida por alguém ocorre em um ambiente único de frases precedentes e subsequentes e, conseqüentemente, deriva parte de seu significado dessas outras frases. [...] O infinitamente grande seria o nível universal da comunicação humana e das sociedades humanas – o fato de que a humanidade está dividida em mulheres e homens, jovens e velhos e assim por diante. Entre os dois extremos, há um mundo de fenômenos diferentes, operando em todos os níveis da sociedade e através das sociedades, desde o nível do indivíduo até o nível do sistema mundial⁸ (Blommaert, 2005, p. 40, tradução minha).

A partir desse entendimento do que vem a ser contexto, torna-se fundamental situar as práticas e os eventos de letramento

8 No original: Context comes in various shapes and operates at various levels, from the infinitely small to the infinitely big. The infinitely small would be the fact that every sentence produced by people occurs in a unique environment of preceding and subsequent sentences, and consequently derives part of its meaning from these other sentences. [...] The infinitely big would be the level of universals of human communication and of human societies – the fact that humanity is divided into women and men, young and old people, and so on. In between both extremes lies a world of different phenomena, operating at all levels of society and across societies, from the level of the individual all the way up to the level of the world system.

observados, considerando que isso não se restringe apenas ao estritamente local (Blommaert, 2005). Ainda segundo Barton e Hamilton (1998), os estudos etnográficos exploram os contextos do mundo real a partir de uma abordagem holística, que busca compreender o fenômeno inteiro que se está observando. Ao lidar com a vida real das pessoas, justifica-se o dever do pesquisador em situar as suas análises.

Nesse sentido, a etnografia vai além do senso comum que a compreende como um sinônimo de descrição dos dados, em que se utiliza uma técnica complexa para analisar supostamente fatos rotulados como “contexto” (Blommaert; Jie, 2010). Se a etnografia for reduzida a somente um método, limitando-se a procedimentos e técnicas, tais como observação de um evento e realização de uma entrevista, corre-se o risco de desconsiderar as questões epistemológicas críticas que emergem na ida ao campo (Blommaert, 2006). Dessa forma, “a etnografia é mais que um método, é a própria teoria vivida” (Pires-Santos *et al.*, 2015, p. 38).

Assim, assumir a etnografia como teorização profunda (Lillis, 2008) implica desenvolver um movimento analítico de buscar compreender o que está acontecendo nas práticas de letramentos acadêmicos tanto a partir dos textos produzidos quanto também a partir dos contextos situados. Com efeito, isso somente se torna possível se analisarmos a escrita acadêmica com base na concepção de escrita como prática social, tal como postula os NEL e a abordagem dos Letramentos Acadêmicos.

Com esse propósito, apresento, a seguir, um panorama do contexto em que a pesquisa foi realizada, dando ênfase à descrição de uma participante específica e da história do texto dela.

3 A doutoranda Maria e a história de seu texto

Os dados analisados neste artigo são um recorte de uma pesquisa de doutorado⁹ cujo objetivo geral foi o de caracterizar e analisar os eventos e as práticas de letramentos acadêmicos relacionados à escrita da tese de quatro doutorandos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) de diferentes áreas de conhecimento. Durante o segundo semestre de 2018, conversas cíclicas foram realizadas com cada um deles. Considerando os objetivos deste artigo, a ênfase recai na rede de mediadores de letramentos que auxiliaram Maria¹⁰, uma das participantes da pesquisa, durante a escrita de sua tese.

Maria, à época com 30 anos, foi uma doutoranda da área de Ciências Humanas, Sociais e Arte (doravante Humanas). Aos 16 anos, em 2004, iniciou uma graduação na área de Humanas em uma universidade federal do estado do Rio Grande do Sul. Porém, após cursar quatro períodos, trancou essa graduação e foi fazer um curso preparatório para o vestibular. Em 2007, no ano seguinte, ingressou em um novo curso de graduação da área de Humanas na mesma instituição universitária. Maria, ainda na graduação, foi bolsista de iniciação científica da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul).

Em 2012, logo após ter concluído a graduação, ingressou no mestrado na mesma universidade federal, tendo sido bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de

9 Pesquisa realizada com apoio financeiro concedido pelo CNPq (Processo número 141101/2017-2), tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unicamp, sob o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 84164218.5.0000.8142.

10 Nome fictício escolhido pela participante, visando preservar a sua identidade. Além disso, pelo mesmo motivo, optou-se por fazer referência apenas à grande área ao qual ela pertence (Ciências Humanas, Sociais e Arte), omitindo o nome do Programa de Pós-Graduação e da linha de pesquisa.

Pessoal de Nível Superior), agência de fomento federal. O Programa de Pós-Graduação pertencia à mesma área de conhecimento de sua graduação.

Já em 2014, iniciou o doutorado na Unicamp, tendo sido bolsista da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), agência de fomento do estado de São Paulo. Maria decidiu realizar o processo seletivo na Unicamp porque não havia um curso de doutorado na sua área de pesquisa na instituição de Ensino Superior em que concluiu o mestrado.

O curso de doutorado do qual Maria foi aluna teve início em 1977, tendo se consolidado como um curso de excelência e de forte tradição. No ano de 2018, estava classificado com nota seis (uma a menos que a nota máxima – sete) na avaliação da CAPES. As linhas de pesquisa foram descritas como transdisciplinares. A participante realizou a defesa de sua tese no início de 2020, um ano após o prazo máximo estipulado pelo Programa de Pós-Graduação, totalizando seis anos de duração do curso.

No momento da geração dos dados, no segundo semestre de 2018, Maria cursava o quinto ano do doutorado e, à época, afirmou que só tinha escrito 10% da tese, o que lhe causava angústia, uma vez que o prazo máximo para a defesa era março de 2019.

Até aquele momento de sua carreira acadêmica, a participante havia publicado uma resenha sobre um livro e quatro artigos científicos, sendo dois deles enquanto estava matriculada no doutorado. Maria também cursou, em 2017, um período do seu doutorado (denominado popularmente como “doutorado sanduíche”) em uma universidade renomada de um país europeu. Esse intercâmbio foi concretizado por meio da bolsa BEPE (Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior), concedida pela

FAPESP. A doutoranda permaneceu durante um ano estudando na referida instituição europeia.

No momento em que iniciei a geração dos dados, Maria estava escrevendo a introdução da tese, sendo essa a parte que ela decidiu compartilhar comigo. Assim, apresento, a seguir, a história do texto¹¹ (Lillis; Curry, 2010) dessa introdução. A participante enviou para mim três versões do texto. Vale ressaltar que Maria começou a escrever a tese pela introdução por sentir a necessidade de elencar, primeiramente, os problemas gerais que iriam fazer parte de sua tese para somente depois iniciar a escrita dos capítulos.

A primeira versão do texto contou com a leitura e a revisão de dois colegas doutorandos do mesmo Programa de Pós-Graduação de Maria, ainda que não fizessem parte do grupo de pesquisa de Alex, seu orientador. A segunda versão do texto foi revisada pelo docente. Já a terceira versão foi escrita após a doutoranda ter apresentado oralmente sua pesquisa em um encontro do grupo de pesquisa coordenado por Alex. Assim, os colegas doutorandos, o orientador e os pós-graduandos que eram integrantes do grupo podem ser considerados os mediadores de letramento que interagiram com Maria para a escrita da introdução.

Apresento uma síntese desta história do texto no quadro 01, o qual divide-se em i) datas, que equivalem aos períodos em que Maria enviou para mim a introdução da tese; ii) versões do texto; iii) agentes, isto é, a autora e os mediadores de letramento que provocaram mudanças no texto; e iv) eventos de letramento em que os mediadores e a doutoranda interagiram.

¹¹ A história do texto pode ser considerada um tipo específico de ferramenta metodológica que visa reconstituir a trajetória de um texto. Segundo Lillis e Curry (2010), o objetivo é coletar o maior número possível de informações sobre a história de um texto, incluindo os rascunhos produzidos, as diferentes pessoas envolvidas nesse processo (autores, revisores, tradutores, editores, pareceristas, orientadores, coorientadores, colegas do grupo de pesquisa, acadêmicos da área, etc.), a cronologia e a natureza do impacto relacionadas ao envolvimento desses mediadores.

Quadro 1 – História do texto da introdução da tese de Maria

Datas	Setembro de 2018	Outubro de 2018	Novembro de 2018
Versões do texto	Versão 1 da introdução	Versão 2 da introdução	Versão 3 da introdução
Agentes	<ul style="list-style-type: none">• Maria• Colegas doutorandos do Programa de Pós-Graduação	<ul style="list-style-type: none">• Maria• Orientador	<ul style="list-style-type: none">• Maria• Orientador• Colegas do grupo de pesquisa
Eventos	Maria escreve uma primeira versão do texto e os colegas doutorandos realizam uma revisão	Maria escreve uma segunda versão do texto e o orientador realiza uma revisão	Maria escreve uma terceira versão do texto após apresentá-lo oralmente durante o encontro do grupo de pesquisa

Fonte: elaboração própria.

Considerando que as interações de Maria com o seu orientador não serão esmiuçadas neste artigo, visto que já foram analisadas anteriormente (cf. Paris, 2021; Paris, 2022), passo, a seguir, a descrever e a refletir sobre os papéis desempenhados pelos demais mediadores de letramento.

4 A formação de uma rede de mediadores de letramento

Como demonstram Lillis e Curry (2010), a produção de textos acadêmicos é uma atividade em rede. Essa afirmação, na visão das autoras, contrasta com as noções convencionais do que se entende em relação ao que um escritor faz. Geralmente, retrata-se o escritor como um produtor individual, isto é, “alguém que deve possuir toda a gama de conhecimentos e habilidades

necessárias para produzir textos¹²” (Lillis; Curry, 2010, p. 62, tradução minha). Nessa concepção, sendo a produção de texto uma atividade individual, caberia ao escritor, sozinho, dominar todas as práticas letradas que envolvem a publicação de um artigo científico ou a escrita de uma tese, por exemplo.

No entanto, Lillis e Curry (2010) argumentam que, ao partir-se do pressuposto de que a produção de textos acadêmicos seja uma atividade em rede, entende-se que diferentes pesquisadores de uma rede adotam diferentes papéis, tais como de autores, coautores, tradutores, revisores, leitores críticos, etc. As diversas funções que esses agentes desempenham revelam que várias práticas de letramentos acadêmicos são mobilizadas na produção de um texto, além de desmitificar a ideia de que a escrita acadêmica é uma prática estritamente individual.

Embora a pesquisa das autoras investigue a formação de redes internacionais de pesquisa acadêmica que, de alguma forma, oportunizam a publicação de artigos científicos em inglês por pesquisadores não anglófonos, a noção de rede pode ser aplicada também para pós-graduandos que se constituem como pesquisadores em formação (Paris, 2021). A rede formada por Maria e seus colegas (tanto do grupo de pesquisa quanto do Programa de Pós-Graduação) pode ser denominada como uma rede intramural (Mali *et al.*, 2012), pois, como o próprio nome sugere, constitui-se dentro dos “muros” de uma única instituição, departamento ou grupo de pesquisa.

No caso de Maria, a rede de pesquisa acadêmica formada por ela e seus colegas possui algumas particularidades que se relacionam ao contexto em que está situada. Essa rede:

¹² No original: one who must possess the full range of knowledge and abilities required for producing texts.

- i) é de natureza local, já que se limita aos integrantes do grupo de pesquisa e aos discentes do Programa de Pós-Graduação;
- ii) é oficial, considerando que os participantes são estudantes regularmente matriculados no Programa de Pós-Graduação e/ou são cadastrados no grupo de pesquisa do CNPq coordenado pelo orientador;
- iii) constitui-se, principalmente, por relações simétricas de poder, uma vez que todos são pós-graduandos, com exceção do orientador;
- iv) possui elos fortes entre seus integrantes, o que pode ser explicado a partir de dois principais aspectos, discutidos a seguir: os encontros semanais com o grupo de pesquisa e a prática de revisão entre os pares.

No que se refere ao primeiro aspecto, o grupo de orientandos de Alex se reunia semanalmente, às sextas-feiras no período da tarde, juntamente com o orientador (era ele quem organizava as reuniões). Em cada encontro, um orientando apresentava o andamento da sua pesquisa:

Excerto 1

Pesquisadora: Vocês fazem essas reuniões com frequência ou não?

Maria: Sim, é semanal praticamente.

Pesquisadora: Uma vez por semana vocês vão lá, os orientandos, eu digo, do seu orientador? E aí vocês têm que apresentar em que pé anda a pesquisa ou isso é só de vez em quando?

Maria: Só de vez em quando. Então, toda sexta-feira, de tarde, tem alguma atividade relacionada ao grupo. Então, por exemplo, esse semestre é um pós-doc que está... um pós-doc novo... ele está apresentando a tese dele, tipo, por duas horas, ele apresenta a tese dele por todo o semestre e depois nas outras duas horas algum aluno apresenta a sua pesquisa.

Pesquisadora: Ah tá. Então não é... como são vários alunos não é toda semana que você vai apresentar?

Maria: Não, é... eu apresentei semana passada, na outra...

Pesquisadora: Uma vez a cada dois meses, um mês?

Maria: Aí fica até bem a critério do aluno, não tem... Não tem uma obrigação, é, tipo, agora quando eu apresentei, eu escrevi para o orientador “ah, eu tenho interesse em apresentar um seminário” e ele “ah, tá, beleza, vamos marcar um dia”.

Pesquisadora: E ele participa dessas reuniões? O orientador?

Maria: Uhum.

Pesquisadora: E aí quando você apresenta, assim, para os seus colegas, eles dão pitaco?

Maria: Sim, sim. Eles... Ajudam e perguntam.

Pesquisadora: E seu orientador também faz apontamentos?

Maria: Uhum.

Pesquisadora: Todos participam e você ajuda o de colegas também?

Quando o colega está apresentando, você também ajuda?

Maria: Uhum.

O encontro semanal do grupo de pesquisa era um evento de letramento que contribuiu para a formação de um elo forte na rede. Enquanto, no dia a dia, cada pós-graduando trabalhava sozinho em sua pesquisa individual – algo bem característico das Ciências Humanas –, as reuniões do grupo se constituíam como o momento de discutir coletivamente a dissertação ou a tese de um integrante.

Era essa prática letrada, portanto, que permitia que

todos estivessem cientes daquilo que os colegas estavam pesquisando, além de se posicionarem como mediadores de letramento. Vale ainda ressaltar que as discussões sobre o texto eram orais, o que reforça a ideia de que os mediadores de letramento podem oportunizar reescritas nas teses dos doutorandos tanto por meio de interações concretizadas diretamente na materialidade linguística escrita do texto quanto por meio de interações orais (Paris, 2021).

Maria contava também com a leitura crítica de sua tese feita por colegas doutorandos, o que se constituía como uma revisão entre pares (Berg *et al.*, 2006) neste caso. Essa foi outra prática que auxiliou na formação de uma rede de pós-graduandos com um elo forte:

Excerto 2

Pesquisadora: E seu orientador, ele revisou esse texto?

Maria: Revisou.

Pesquisadora: Tá. Então, só ele leu esse texto antes da banca? [...]

Maria: Um colega, teve um colega que leu... agora lembrei, teve um colega que leu porque eu pedi para ele “por favor, me ajuda, eu preciso de uma segunda opinião aqui”. Aí ele leu e fez alguns apontamentos.

Pesquisadora: E ele é um colega da pós?

Maria: É um colega da pós.

Pesquisadora: Da pós, assim, do seu doutorado ou do mestrado?

Maria: Isso. Ele é do doutorado, acabou de terminar o doutorado.

Pesquisadora: Ah tá, ele estava um pouquinho na frente de você na época. E aí foram boas as sugestões?

Maria: Sim, sim.

Pesquisadora: Alguma coisa você mudou ali [no texto]?

Maria: Com certeza. Eu lembro dele fazer alguns comentários sobre clareza e também eu gostei de ter essa segunda opinião de um colega, porque eu fiquei “ok, pelo menos alguém mais leu e essa pessoa entendeu o que eu estou querendo fazer”.

Pesquisadora: Não só o orientador, né, que geralmente é o único que faz essa leitura.

Maria: Isso.

Maria e seus colegas de doutorado se engajavam em práticas de letramentos acadêmicos que igualmente eram responsáveis por fortalecer essa rede. De acordo com Lillis e Curry (2010), a participação em uma rede acadêmica inclui tanto a coautoria e a colaboração em torno de pesquisas quanto uma série de outras atividades de leitura, revisão e tradução dos textos. No caso de Maria, a participante geralmente pedia aos colegas doutorandos para lerem e revisarem o seu texto, o que a deixava mais confiante de que o texto estava adequado para determinado contexto.

Segundo Berg *et al.* (2006), a revisão entre pares tem sido cada vez mais comum entre alunos no Ensino Superior, configurando-se como uma prática que fornece suporte e apoio aos escritores. A prática consiste em um arranjo feito entre os discentes, no qual eles fornecem *feedback* em relação aos trabalhos uns dos outros. O mesmo ocorria entre Maria e seus colegas doutorandos. A revisão entre pares, portanto, constitui-se como uma das práticas, dentre outras, em que o mediador de letramento pode atuar a fim de gerar algum tipo de impacto no processo de escrita acadêmica de um autor.

Partindo desse conceito, é possível afirmar que o *feedback* fornecido por pesquisadores que se encontravam na mesma posição hierárquica que a doutoranda também foi um elemento decisivo para a construção da rede da qual Maria participava. As redes, portanto, possibilitam que o doutorando tenha acesso a diversos recursos que o auxiliam na produção de seus textos acadêmicos, sendo a leitura crítica feita pelos pares como um desses recursos. Nesse sentido, a participação em uma rede parece oferecer um caminho fundamental para os pesquisadores produzirem seus textos (Lillis; Curry, 2010).

Além disso, Maria sentia a necessidade de ter seu texto lido e comentado por alguém (nesse caso, colegas doutorandos). Isso relacionava-se com a insegurança que ela expressava ter com a escrita da tese:

Excerto 3

Maria: Eu fiquei bastante nisso [nessa parte do texto] e aí depois... até que eu pedi para dois colegas lerem, que eles leram um pedaço e viram que... me disseram que estava... compreensível.

Pesquisadora: Esses dois colegas são do seu grupo de pesquisa ou são de fora?

Maria: Eles são da Humanas, mas não exatamente trabalham com esse tema.

Pesquisadora: Aí você pediu para os dois lerem e eles falaram “ah, está ok”, fizeram algum apontamento, sugestão?

Maria: Sim. É... tipo, muito sobre, é... “Explica melhor isso aqui”.

[...]

Pesquisadora: E foi só isso que eles falaram ou mais alguma coisa?

Maria: Era muito, assim, “desenvolva isso”, em alguns momentos eles disseram para que... trocar de lugar, trocar a ordem dos parágrafos, esse tipo de coisa. Na verdade, como eles não são especialistas nessa área de Humanas, acaba sendo bem na escrita para eles... porque o que eles estão fazendo ali é tentar entender o que eu estou fazendo e aí eles dizem “ah, se fizesse isso, eu entenderia melhor”.

Pesquisadora: Entendi. E você acha valiosa essa leitura? Ela te ajuda?

Maria: Sim. Mais do que... assim... na redação mesmo, tipo, “ah, troca esse lugar”, “troca isso de lugar” ou qualquer coisa, eu gostei de ter um... “ok, o que tu escreveu dá para entender e não está tão horrível”.

Pesquisadora: Você tem essa necessidade de alguém virar e falar assim “eu entendi o que você quis dizer, ponto”?

Maria: Sim.

Pesquisadora: Você acha isso importante?

Maria: Sim, é... porque chega um momento que sozinha eu não sei mais se o que eu estou fazendo é algo muito óbvio ou muito maluco.

Pesquisadora: Entendi.

Maria: Aí seria bom que fosse o orientador, né, mas ele não está tão disponível, então... aí eu estava até meio, assim, desesperada, não estava conseguindo e aí meu colega estava ali, aí eu pedi “por favor, tu vai ter que me ajudar”, daí ele sentou e leu algumas páginas. Não foram todas, até, foram umas três ou quatro primeiras e aí...eu fiquei mais tranquila para poder continuar fazendo.

[...]

Pesquisadora: Eu acho que, realmente, pelo que eu estou percebendo da nossa conversa, um ponto fundamental para você é ter com quem dialogar?

Maria: Acho que sim. É, eu preciso saber se aquilo está muito absurdo ou muito óbvio.

Pesquisadora: E você sozinha, por ser você que está escrevendo, você não tem essa... você não consegue ter essa noção?

Maria: Eu realmente preciso de alguém.

É notório como a prática de escrita acadêmica da tese geralmente depende da colaboração de várias pessoas que não podem ser consideradas convencionalmente como autoras (Lillis; Curry, 2010), como é o caso dos colegas de Maria, e que também não precisam obrigatoriamente pesquisarem sobre a mesma temática que o escritor.

Os colegas doutorandos, embora estivessem matriculados no mesmo Programa de Pós-Graduação de Maria, seguiam outras linhas de pesquisa. Logo, não eram especialistas na área de pesquisa da participante, ainda que tivessem uma noção geral do que se tratava. Mesmo assim, eles constituíram-se como mediadores de letramento da tese de Maria, uma vez que leram e realizaram apontamentos de forma engajada e responsável (Volkweis, 2020).

Embora, na visão da participante, seus colegas mediadores apenas revisavam questões relacionadas à escrita (“na redação”, em suas palavras), é possível observar, por meio da análise do excerto, que os comentários também afetavam o conteúdo da pesquisa. Pedir para desenvolver ou explicar melhor uma ideia e trocar a ordem dos parágrafos, com o intuito de tornar um texto mais compreensível, também se relacionava com o conteúdo da pesquisa e não apenas com as questões “linguísticas” da escrita. Isso é mais perceptível ainda na área de Humanas, em que o desenvolvimento das pesquisas geralmente se dá por meio do desenvolvimento da escrita – não há como separar um do outro como ocorre nas outras áreas em que os dados são gerados por meio de experimentos em laboratórios (Paris, 2024). Na área de pesquisa de Maria, especialmente, a comprovação da tese a ser defendida se dá exclusivamente pela escrita, daí a impossibilidade de se separar o conteúdo pesquisado da escrita realizada.

Esse excerto, ademais, demonstra como o sentimento de solidão, no momento da escrita da tese, pode ser extremamente prejudicial para um doutorando. As interações com colegas, além do *feedback* dado por eles, foram essenciais para que Maria se sentisse mais segura para dar continuidade à escrita da tese (“eu realmente preciso de alguém”). Foi a rede local, composta por elos fortes, da qual a doutoranda fazia parte, que possibilitou que ela tivesse acesso a esses recursos que foram fundamentais para o suporte à produção de seus textos acadêmicos (Lillis; Curry, 2010). Maria também (re)escreveu seu texto em função dos diferentes interlocutores que com ela interagiram ao redor da escrita, sejam eles colegas do grupo de pesquisa ou colegas doutorandos do mesmo Programa de Pós-Graduação.

Além disso, a construção de tal rede entre os pós-graduandos possibilitou ainda a troca entre os seus integrantes:

Excerto 4

Pesquisadora: Pelo que eu entendi, vocês fazem uma troca, né? Um lê o seu [texto], você lê o do colega, assim, é uma troca, mais ou menos?

Maria: É.

Pesquisadora: Acho isso bem legal, porque meio que vocês se apoiam.

Maria: Acho que sim, se eu preciso... assim, quando eles leram, foi porque eles estavam ali na sala.

Pesquisadora: Você pegou, puxou um...

Maria: Exatamente e aí eu falei “por favor, eu preciso de ajuda”, daí no outro dia ele me mandou e o outro colega que leu também, eu nunca li nada dele, mas eu já disse... uma vez ele me pediu para revisar um texto que ele ia publicar, que ia ser publicado, eu disse “claro, me manda”, mas ele nunca me mandou e acho que não precisou de revisão ou outra pessoa revisou.

Pesquisadora: Mas, de qualquer forma, você se mostrou disponível ali?

Maria: Sim.

Nesse sentido, da mesma forma que os colegas de doutorado que pertenciam a essa rede de Maria se posicionaram como mediadores de letramento (Lillis; Curry, 2010) de sua tese, ela também foi uma mediadora de letramento dos textos desses colegas. Essa troca talvez tenha sido possível devido ao fato de todos serem doutorandos, ou seja, ocupavam o mesmo patamar nas relações hierárquicas da academia.

A formação de uma rede de pós-graduandos, portanto, possibilita essa troca de funções entre os seus pares, que ora são autores, ora são leitores e/ou revisores. Essa prática demonstra a importância da construção de tal rede para todos os seus integrantes, especialmente para Maria, que elencou o *feedback* fornecido pelos seus colegas como um dos fatores que a auxiliou a conseguir escrever a tese.

Logo, tanto as discussões orais dos encontros semanais com o grupo de pesquisa quanto as revisões do texto entre os pares se constituíram como práticas letradas, engendradas por mediadores de letramento, que oportunizaram (re)escritas da tese da doutoranda.

Considerações finais

Esta pesquisa destaca o papel relevante das interações com os mediadores de letramento ao longo do processo de escrita de uma tese. Os doutorandos, ao interagirem com diferentes mediadores, buscam por orientações, apoio, suporte, revisões e oportunidades em um ambiente acolhedor, o que os auxilia no decurso da produção escrita.

É evidente também a importância de haver a formação de uma rede de colegas da pós-graduação que possibilite aos

doutorandos interagirem socialmente e realizarem a revisão entre pares – prática que pressupõe que um leia, comente e revise o texto do outro e vice-versa, alternando-se entre autores de seus próprios textos e mediadores de letramento dos textos de seus colegas.

Defendo, ainda, ser imprescindível que os doutorandos recorram a mediadores de letramento que tenham passado pelo mesmo processo de escrita de uma tese recentemente (Paris, 2021), pois esses mediadores, especificamente, parecem compreender melhor as necessidades dos pesquisadores em formação por terem vivenciado experiências similares há pouco tempo.

Por fim, considerando a história do texto analisada, é possível observar que os dados desta investigação apontam na mesma direção do *corpus* examinado por Lillis e Curry (2010) com outros participantes (pesquisadores mais experientes): as práticas de letramentos acadêmicos não se constituem apenas a partir da figura solitária do autor. Ao contrário, são as interações com os diferentes mediadores de letramento que possibilitam que as escritas das teses ou dos artigos científicos sejam revisitadas e (re)transformadas. As interações com os mediadores, nesse sentido, oportunizam reescritas ao longo do processo de escrita. Por outro lado, a falta de interações com os mediadores pode prejudicar o processo de escrita dos doutorandos, podendo ser associada ao sentimento de abandono (Cornér; Löfström; Pyhältö, 2017), o que corrobora, mais uma vez, a concepção de escrita como uma prática social.

Referências

BARTON, D. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. 2 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. 245 p.

BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in one community*. Londres: Routledge, 1998. 299 p.

BERG, I. V. D.; ADMIRAAL, W.; PILOT, A. Designing student peer assessment in higher education: analysis of written and oral peer feedback. *Teaching in Higher Education*, v. 11, n. 2, p. 135-147, 2006.

BLOMMAERT, J. *Discourse: A Critical Introduction (Key Topics in Sociolinguistics)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 299 p.

BLOMMAERT, J. Ethnography as counter-hegemony: remarks on epistemology and method. *Working Papers in Urban Language & Literacies* (Paper 34). London: Institute of Education, 2006.

BLOMMAERT, J.; JIE, D. *Ethnographic Fieldwork: a beginner's guide*. Bristol: Multilingual Matters, 2010. 92 p.

CORNÉR, S.; LÖFSTRÖM, E.; PYHÄLTÖ, K. The Relationships between Doctoral Students' Perceptions of Supervision and Burnout. *International Journal of Doctoral Studies*, v. 12, s/n, p. 91-106, 2017.

CURRY, M. J.; LILLIS, T. Estratégias e táticas na produção do conhecimento acadêmico por pesquisadores multilíngues. Traduzido por Raquel Salek Fiad e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda. In: FIAD, R. S. (org.). *Letramentos acadêmicos: contextos, práticas, percepções*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 11-64.

GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 31, n. especial, p. 01-34, 2015.

GEE, J. P. *Social linguistics and literacies: ideology in discourses*. 2nd ed. London; Bristol, PA: Taylor and Francis, 1996.

GEE, J. P. The New Literacy Studies: from ‘socially situated’ to the work of the social. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (orgs.). *Situated literacies: reading and writing in context*. London/ New York: Routledge, 2000. p. 180-196.

GEE, J. P. *Literacy and Education*. New York: Routledge, 2015. 148 p.

JUNG, N. M.; SILVA, R. C. M.; PIRES SANTOS, M. E. Etnografia da linguagem como políticas em ação. *Calidoscópico*, v. 17, n. 1, p. 145-162, 2019.

LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. Etnografia como teorização profunda em Linguística Aplicada: a relevância do diário de escrita acadêmica. *Revista Fórum Linguístico*, v. 21, n. 1, p. 10132-10148, 2024.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157-171, 1998.

LEA, M. R.; STREET, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Traduzido por Fabiana Komesu e Adriana Fischer. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014.

LILLIS, T. Ethnography as Method, Methodology, and “Deep Theorizing”: Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. *Written Communication*, v. 25, n. 03. Sage Publications, p. 352-388, 2008.

LILLIS, T.; CURRY, M. J. Professional Academic Writing by Multilingual Scholars: Interactions with Literacy Brokers in the Production of English-Medium Texts. *Written Communication*, v. 23, n. 1, p. 3-35, 2006.

LILLIS, T.; CURRY, M. J. *Academic writing in a global context: the politics and practices of publishing in English*. New York:

Routledge, 2010.

LILLIS, T.; HARRINGTON, K.; LEA, M. R.; MITCHELL, S. Introduction. *In*: LILLIS, T.; HARRINGTON, K.; LEA, M. R.; MITCHELL, S. (orgs.). *Working with Academic Literacies: case studies towards transformative practice*. Anderson, South Carolina: Parlor Press; Fort Collins, Colorado: WAC Clearinghouse, 2015. p. 03-22.

LILLIS, T.; SCOTT, M. Defining academic literacies research: issues of epistemology, ideology and strategy. *Journal of Applied Linguistics*, v. 4, n. 1, p. 05-32, 2007.

MALI, F.; KRONEGGER, L.; DOREIAN, P.; FERLIGOJ, A. Dynamic scientific co-suthorship networks. *In*: SCHARNHORST, A.; BÖRNER, K.; BESSELAAR, P. (Orgs.). *Models of science dynamics: encounters between complexity theory and information sciences*. Berlin: Springer-Verlag, 2012. p. 195-232.

MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G.; LARANJEIRA, R. M.; FIAD, R. F.; LILLIS, T.; KOMESU, F.; ASSIS, J. A.; FISCHER, A.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F.; ANDRADE, L. T.; SILVA OLVEIRA, F. B.; CORRÊA, M. L. G. Manifesto acadêmico: por nova(s) pedagogia(s) de escrita para o Ensino Superior. *In*: LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. (orgs.). *Letramentos Acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 233-251.

PARIS, L. G. *Letramentos acadêmicos de doutorandos: entre mediações e publicações*. 2021. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

PARIS, L. G. O orientador como mediador de letramento privilegiado no processo de escrita da tese de doutorandos. *Revista do GEL*, v. 19, n. 1, p. 246-264, 2022.

PARIS, L. G. A prática de colaboração científica na escrita de artigos: entre convenções sociais, relações de poder e questões de autoridade. *Caminhos em Linguística Aplicada*, v. 30, n. 2, p. 172-190, 2024.

PIRES-SANTOS, M. L.; LUNARDELLI, M. G.; JUNG, N. M.; SILVA, R. C. M. “Vendo o que não se enxergava”: condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua(gem) em contexto escolar. *D.E.L.T.A*, v. 31, n. especial, p. 35-65, 2015.

STREET, B. V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. 243 p.

STREET, B. V. Introduction: the new literacy studies. In: STREET, B. V. (org.). *Cross-cultural approaches to literacy*. Great Britain: Cambridge University Press, 1993. p. 1-21.

STREET, B. V. What’s “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education*, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

STREET, B. V.; LEA, M. R.; LILLIS, T. Revisiting the question of transformation in academic literacies: the ethnographic imperative. In: LILLIS, T.; HARRINGTON, K.; LEA, M. R.; MITCHELL, S. (orgs.). *Working with Academic Literacies: case studies towards transformative practice*. Anderson, South Carolina: Parlor Press; Fort Collins, Colorado: WAC Clearinghouse, 2015. p. 383-390.

VOLKWEIS, F. X. *O papel do revisor: é preciso pedir ao óbvio que se justifique*. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.